

O LUTO COMO SUBVERSÃO NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

Renato Nunes Bittencourt¹

RESUMO: O artigo aborda a crítica ao dispositivo gerencial que se consolida na autoritária sociedade de desempenho atrelada ao espírito neoliberal, marcado pela adequação incondicional do ser humano ao crivo do sistema econômico, caracterizando assim a rentabilidade pessoal com a produtividade, o empenho e a dedicação incondicional ao poder corporativo. No artigo abordamos a ideia de que o desastre da pandemia da COVID-19 exige uma contestação desse processo de degradação humana, em nome de nossa própria subsistência futura.

Palavras-Chave: Rentabilidade; Desempenho; Luto; Pandemia.

ABSTRACT: The article addresses the criticism of the management device that is consolidated in the authoritarian performance society tied to the neoliberal spirit, marked by the unconditional adequacy of the human being to the sieve of the economic system, thus characterizing personal profitability with productivity, commitment and unconditional dedication to corporate power. In the article we discuss the idea that the covid-19 pandemic disaster requires a challenge to this process of human degradation, in the name of our own future livelihood.

Keywords: Profitability; Performance; Mourning; Pandemic.

INTRODUÇÃO

Dissertar sobre os problemas existenciais e societários decorrentes da pandemia da COVID-19, ainda que seja uma tarefa intelectual urgente, não é uma atividade simples e suave. Precisamos lidar com uma série de traumas e transtornos que nos assolam dia a dia, mas tal exercício, ainda que exaustivo e doloroso, é uma tentativa de sublimarmos esse grande processo de sofrimento individual e coletivo que está incrustado em nossa vivência societária. Narrar é um exercício fundamental para que celebremos a pluralidade da vida e a memória daqueles que não estão mais conosco, e o exercício de dissertar sobre um tema que se apresenta tão árduo é o digno testemunho de um marco civilizacional que impacta tristemente nossos tempos sombrios e liquefeitos. Não temos a onisciência para absorvermos todos os lamentos do sofrimento do mundo, mas que nosso intelecto sirva de

¹ Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração pela FACC-UFRJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

voz para os mudos, os enlutados e os traumatizados, para todos os condenados de nosso marasmo pandêmico.

AGRURAS PANDÊMICAS E SOCIEDADE DO DESEMPENHO

A pandemia da COVID-19 inevitavelmente prejudicou a produtividade global, não importa em qual setor. Tudo foi afetado por essa devastação viral. Diante de tal ameaça letal nosso modo de vida foi drasticamente suspenso, não sem gerar uma série de dissabores existenciais. O longo período de distanciamento social, a repetição dos procedimentos assépticos e a constante vigilância sanitária estressam qualquer pessoa sã e fazem da experiência de duração do tempo um evento que parece interminável e enfadonho. Algumas correntes ultraliberais associadas a dispositivos políticos autoritários não hesitaram em colocar as demandas da economia prioritariamente em relação aos demais eixos da existência. A economia acima de tudo, a economia acima da vida. O mundo corporativo-empresarial afetado pela estagnação produtiva, capitaneou uma série de empreendimentos para submeter as demandas sociais ao crivo da rentabilidade financeira.

Dentro desse contexto não temos apenas ações mais evidentes, como o lobby ferrenho junto aos poderes públicos em favor da flexibilização das medidas restritivas necessárias para se conter o avanço da pandemia da COVID-19, mas também o fortalecimento da ideologia gerencial que enxerga no colapso humanitário na qual nos encontramos um ótimo filão mercadológico para inovação produtiva e reinvenção profissional. Obviamente que, em circunstâncias adversas, é necessário que nos adaptemos aos novos fatos, mas sem, contudo, deixarmos de respeitar as condições singulares de cada pessoa imersa em um grande desastre sanitário global. A ideologia gerencial, muitas vezes adornada por caracteres humanistas, escamoteia suas efetivas intenções em espúrias frases motivacionais que exercem efeitos repressivos e moralistas sobre seus adeptos, impedindo-os de vivenciar terapêuticamente suas próprias limitações, fraquezas e deficiências. Conforme aponta Byung-Chul Han,

A sociedade de desempenho se desenvolve, a partir de sua lógica interna, na sociedade do doping. A vida reduzida à função vital desnuda é uma vida que deve ser mantida sadia a todo custo (HAN, 2017, p. 268).

A sociedade ultraliberal exige a supressão dos direitos trabalhistas em prol da otimização dos lucros para os rentistas. O trabalhador, exausto, precarizado, desumanizado, vive um regime de dominação laboral sem que obtenha o tempo necessário para o descanso e para a apropriação real de sua existência. Passa mais tempo na rua do que em sua casa. É apenas uma peça descartável que, ao ser consumida, pode ser eliminada e substituída sem qualquer pudor. Christian Dunker argumenta que

O ritmo de vida se acelera. O sono se torna quase desnecessário. Caminhos e relações que não deram certo rapidamente são abandonados, sem custo, pois o importante é o futuro (DUNKER, 2017, p. 240).

A devastação pandêmica eliminou um sem-número de empregos e criou uma legião de trabalhadores submetidos aos ditames dos serviços de aplicativos que tão bem servem aos consumidores, assépticos e protegidos, sempre atendidos por esses intermitentes flexíveis sempre ao dispor e submetidos aos riscos sanitários e criminais de uma cidade rasgada e autocentrada. A eficiência do serviço reside na velocidade, e tanto pior para o trabalhador que demora em alguns minutos a entrega a ser realizada. Muitas vezes seráficas entocam cânticos defendendo tolerância, mudança do modo de vida, mais afeto, mas pouco se importam com as condições de insalubridade dos entregadores de todos os tipos.

A ideologia da positividade exige que estejamos sempre disponíveis, e a estrutura tecnológica da vida que nos sufoca exerce muito bem o papel fiscalizador sobre nossas subjetividades, exigindo respostas rápidas sempre que formos contactados, em um regime de comunicação autoritário e desprovido de substantiva alteridade. Os aplicativos explicitam bem essa nova dinâmica da rapidez informacional, em que não temos a prerrogativa do silêncio ou de protelarmos as respostas por muito tempo. A paciência da expectativa que ocorria nas formas anteriores de comunicação (cartas e e-mails) é solapada pelo imediatismo que destrói o justo tempo de preparação de respostas e conteúdos comunicativos que caberiam ser respeitados como dados singulares. Comunica-se, ou melhor, enunciam-se discursos desprovidos de alteridade de maneira mais e mais

acelerada, e somos assim dominados por essas redes de controle informacional, pois inclusive nosso interlocutor apressado pode constatar quando visualizamos sua mensagem, mas por algum determinado motivo se ainda não foi possível lhe respondermos tal como ansiado, o interlocutor imputa-nos uma percepção negativa por essa situação, tal como uma lei moral quebrada. De acordo com Byung-Chul Han,

A falta de distância leva a que o privado e o público se misturem. A comunicação digital fornece essa exposição pornográfica da intimidade e da esfera privada (HAN, 2018, p. 13).

Com o avanço da catástrofe pandêmica, uma saudação gentil e acolhedora tornou-se comum no envio de e-mails: “Espero que você esteja bem”. Nesses tempos árduos, toda tentativa de se acolher simpaticamente nossos interlocutores é um exercício legítimo de humanidade. Todavia, entre o esperar e o fazer há uma grande distância. Com efeito, quem está disposto a efetivamente compartilhar a dor daquele que esperamos que esteja bem? Essa elocução esperançosa, sem a disposição para ajudar na carne quem necessita se torna assim apenas uma frase de impacto, sem a inerente solidariedade tão importante nesse momento de sofrimento. Em uma sociedade regida pelo poder de consumo, para que “estejamos bem” inevitavelmente necessitamos estar providos de dinheiro necessário para satisfazer nossas demandas materiais mais urgentes, e muitas pessoas foram afetadas drasticamente pela perda de emprego e de renda. Por isso o ato de que bem-querer alguém é apazível e moralmente elevado, mas não pode ser dissociado de um ímpeto de suporte material para aquele que carece de recursos. Uma pessoa em situação de rua não quer apenas ouvir palavras de conforto, mas anseia também por alimento, roupa, remédio, segurança.

Talvez algumas consciências seráficas tenham se regozijado com a transposição do trabalho presencial para o trabalho remoto, acreditando que assim conquistariam mais qualidade de vida, mais tempo livre, mais liberdade pessoal. Sem esquecermos que dessa maneira a exposição cotidiana no caos urbano diminui consideravelmente. Nada de engarrafamentos, nada do estresse das ruas, nada de circular em metrô, ônibus ou trens lotados. Nada como o conforto da casa para se trabalhar no aconchego do seu habitat. Ledo engano. O controle gerencial se tornou ainda mais feroz. Não há separação entre o tempo livre e o tempo laboral, ambos estão misturados. A disponibilidade é 24/7 e mesmo as

horas de lazer, de repouso e de sono são violadas em prol de uma produtividade que não recompensa os esforços extras pelo sucesso da empresa. Para Jonathan Crary,

No capitalismo 24/7, toda sociabilidade que não se reduz ao mero interesse individual se esgota inexoravelmente, e a base inter-humana do espaço público se torna irrelevante para nosso isolamento digital fantasmagórico (CRARY, 2014, p. 99).

Os imperativos do desempenho também atingem a dimensão educacional, em especial o ensino superior, adaptado forçosamente ao formato remoto: inúmeros estudantes de graduação perceberam na situação pandêmica uma oportunidade de “aceleração de curso” para que assim possam concluir a formação universitária em menor tempo. Nessas condições, em decorrência de eventuais flexibilizações das metodologias disciplinares, esse perfil de alunado se inscreve em diversas matérias, mas necessariamente não as assiste com regularidade nem com empenho, tal como ocorreria no ensino presencial. Desse modo, o aluno se aproveita de uma situação lastimável de degradação social para se esquivar de maiores dificuldades pedagógicas, muitas vezes, todavia, não suportando a sobrecarga de estudos que ele mesmo outorgou para si, culpabilizando, não raro, os professores e a instituição de ensino por seu fracasso particular. Esse tipo de aluno, moralmente mesquinho, só reconhece as suas próprias condições estressantes, jamais percebe nos profissionais da educação condições de precarização que se exacerbaram ao longo da pandemia da COVID-19, com uma série de exigências espúrias, prazos mais curtos, pressões instituições desgastantes, dentre outros desserviços ao bem-estar psicofísico.

Talvez seja uma proposta mirabolante, mas considero que, diante do agravamento de nossa devastação pandêmica, a melhor medida a ser adotada pelas instituições de ensino seria a suspensão de toda atividade curricular. É indecente que o processo de formação acadêmica seja diluído para atender demandas estudantis que depois certamente necessitarão desse aprendizado perdido pela falta de disciplina e engajamento. Os cursos universitários forneceriam palestras, cursos livres e atividades afins como forma de manter um razoável engajamento intelectual do corpo discente, mas sem qualquer compromisso disciplinar, sem notas ou avaliações. Quando a população for massivamente vacinada e a curva pandêmica talvez controlada, aí sim poderíamos cogitar o retorno das aulas virtuais

regulares para somente tempos depois ousarmos o retorno presencial. Estudar demais em um momento grave para a nossa estrutura societária é não apenas desviar a atenção para os nossos problemas mais urgentes, como também uma recusa ao silenciamento existencial, ao poder reflexivo da mente e mesmo ao convívio familiar que requer mais e mais diálogo, acolhimento, escuta, compartilhamento de experiências dolorosas. Tentamos, no ensino virtual e no trabalho remoto, reproduzir o mesmo padrão comportamental da antiga “vida normal”, ampliando assim nossa nervosidade e nossa neurose gerencial. Tudo o que ocorre de mal pode talvez auxiliar a repensar nosso modus operandi, e a nossa catástrofe pandêmica seria um incentivo a quem sabe solaparmos as bases normativas de nossa sociedade de desempenho e seu inerente controle tecnocrático. Desenvolvermos hábitos mais frugais, valorizarmos os momentos de aconchego doméstico, fortalecermos a solidariedade, a tolerância, o perdão. Contudo, as urgências insalubres do capitalismo tardio exaurem nossas forças metabólicas, impedindo que nos apropriemos substantivamente das energias vitais tão fundamentais para um recomeço civilizacional mais humano, mais empático, mais imanente. Tal como muito bem destacado por Drauzio Varella, “lidar de perto com a perspectiva da morte alheia nos remete à constatação de nossa própria fragilidade” (VARELLA, 2004, p. 116).

O luto, a impotência, a fraqueza, o desânimo e a improdutividade são os grandes inimigos da sociedade de desempenho e sua meta doentia pela alta performance que conduz inevitavelmente muitos indivíduos ao adoecimento. A positividade requer corpos aptos mesmo nas condições existenciais mais degradantes, como prova de superação dos limites pessoais, sem qualquer reconhecimento pela legitimidade da dor humana diante do trauma pandêmico. O tempo de luto não é respeitado, e tal tempo, cabe ressaltar, é por sua natureza intensivo, impossível de ser mensurado em termos quantitativos ideias. Cada pessoa lida com seu sofrimento existencial de maneira singular, e a consolidação de uma sociedade humanista reconheceria isso. Todavia, como estamos sob a égide econômica, ideológica e gerencial do produtivismo Moloch do empreendedorismo ultraliberal, quando muito o enlutado apenas pode usufruir do tempo disponibilizado pelas regulamentações oficiais de licença-jojo. A recorrente alienação na dimensão trabalho que se reconfigura no decorrer da civilização capitalista também afeta o tempo livre da vida privada, exigindo que as experiências dolorosas de trauma sejam abreviadas, impedindo assim uma recuperação viável das forças vitais da pessoa enlutada. Aliás, esse problema exige uma

reflexão ainda mais profunda: e se porventura o sujeito não ansiar sair do seu estado de luto? É inegável que é insalubre uma longa permanência nessa dimensão afetiva, mas é um direito fundamental da dignidade humana que a pessoa possa afirmar sua liberdade em viver enlutado.

A sociedade do desempenho enxerga como um grande mal econômico todos aqueles que sofreram revezes nas suas vidas e não se recuperaram dos traumas daí decorrentes. A grande massa desempregada, exército industrial da reserva, é fundamental para a boa gestão neoliberal dos fluxos do mercado, pois assim prepara-se essa mão-de-obra desesperada para aceitar trabalhar mais e ganhar menos, e assim perder seu padrão de qualidade material. Já os desalentados, aqueles que perderam a esperança de alocação em algum posto de trabalho e que por isso não lutam mais pelo reemprego, esses são malditos conforme a ideologia da positividade. Os desalentados não se submetem aos rituais angustiantes e humilhantes das entrevistas e capacitações, e assim não são repasto para a crueldade dos recrutadores, travestida de um palavreado gerencial e tecnocrático. Talvez, ainda que de modo inconsciente, os desalentados subvertem a grande lógica predatória da sociedade de desempenho, sem uma revolução proletária nos moldes clássicos, mas pela recusa em se participar desse jogo mesquinho no qual poucos serão assimilados. A marginalidade social apresenta grandes riscos para a boa ordenação econômica do capitalismo ultraliberal, mas os seus efeitos deletérios são mitigados pelo grande filão das empresas seguradoras, da proteção patrimonial e mesmo pela reconfiguração urbana de uma cidade cada vez mais militarizada, reativa e gradeada. Já os derrotados, os fracassados contumazes, os inviáveis, todos aqueles que por inércia, passividade ou fraqueza vital não participam dos signos normativos do dispositivo capitalista são imputados como os elementos indesejáveis, a classe perigosa que prejudica o jugo do poder gerencial.

Celebrar narcisicamente a vida em nossa onda de letalidade é um avilte contra a memória dos mortos. As festas clandestinas que proliferam pelas cidades não são os momentos dionisíacos de afirmação do corpo, do erotismo e do sentimento místico de unidade, mas sim uma fuga egoísta e niilista diante do abismo da dor. Imbecis coletivos que desdenham do sofrimento multitudinário ao se aglomerarem asquerosamente em festas espúrias são dançarinos da morte que talvez se tornem número na estatística da COVID-19. Trata-se de um impulso necrófilo de glorificação pessoal diante da impossibilidade de outrem viver intensamente as alegrias da existência em uma situação

de morbidade social, ou seja, o idiota efusivo se arroga superior em relação aos que morreram contaminados pela COVID-19 ou detentor de um direito legal acima dos demais. Com efeito, ocorre uma interpretação distorcida da ética liberal legítima, para a horda festiva, através da prerrogativa de colocar sua vontade pessoal e suas inclinações desiderativas acima do bem-estar geral, daí a insistência acanhada de, apesar de todas as restrições sanitárias, continuarem com suas aglomerações, prejudicando assim todo esforço público de contenção da contaminação pela COVID-19. A mentalidade tacanha e autocentrada é a vontade soberana do mundo ultraliberal, chancelada usualmente por demagogos autoritários que zombam das medidas restritivas em nome de uma ideia de liberdade que em verdade é a prisão dos insensatos e dos incautos. Segundo Sérgio Abranches,

Ao ser adotado, o isolamento encontrou sociedades com um padrão dominante de sociabilidade individualista e consumista. Havia certo orgulho das elites ultraliberais em dizer que as pessoas devem viver por conta própria, achar no mercado a melhor forma de prover suas necessidades (ABRANCHES, 2020, p. 278).

Quem celebra a vida hoje pode ser o entubado de amanhã que talvez não consiga mais voltar para sua casa. Ocorrerão oportunidades vindouras de se festejar o gozo da existência das maneiras mais extravagantes imagináveis, mas no momento pandêmico com sua inerente alta taxa de virulência e colapso do sistema de saúde não há motivos razoáveis para se celebrar coletivamente a vida. Talvez festas familiares privadas ainda tenham algum sentido, mas nada que envolva pessoas fora do nosso próprio ambiente cotidiano. Ninguém é obrigado a viver em luto contínuo, mas também ninguém pode, com comportamentos antissociais, favorecer o luto público mediante ações irresponsáveis contrárias aos salutareos critérios epidemiológicos. Tal como dito por Norbert Elias, “a atividade individual de alguns é a limitação social de outros” (ELIAS, 1994, p. 51-52). Teremos oportunidades, quem sabe, de carnavais vindouros, por isso a importância da paciência, da espera e das precauções sanitárias, para que estejamos revigorados após essa experiência traumática que nos assola.

O desejo de gozar a vida, mesmo em circunstâncias adversas, é a tônica do liberalismo cafajeste apregoado pelos ideólogos da morte social, daí a urgência de criarmos uma filosofia que vise o adestramento dos desejos, tornando-nos mais parcimoniosos. A

euforia é legítima, mas quando a ordem do mundo não está destroçada por um mal global. Os negacionistas apregoam que já existiam inúmeros problemas humanitários antes da pandemia da COVID-19 e que todo o desgosto decorrente dos seus prejuízos nada mais é do que lamúria sem sentido. Esses negacionistas consideram assim que antes, apesar das dores do mundo, mantínhamos um modo de vida que celebrava a vida, os encontros sociais, a festa, os bares. Sim, infelizmente sempre houve sofrimento e continuará existindo sofrimento das mais diversas expressões e mesmo assim tentamos seguir os rumos da vida dentro de um critério de sanidade e salubridade, sob o risco de adoecermos e definharmos. Contudo, a conjuntura pandêmica chacoalha o ímpeto pessoal por entretenimento e nos exige uma forma mais responsável de lidarmos com nossos afetos e inclinações pessoais. Com efeito, ansiamos restaurar posteriormente nossa vida social não para repetirmos os comportamentos antipáticos de outrora, mas para talvez remodelarmos nossa forma de existência conforme parâmetros mais sustentáveis, solidários e democráticos. A dita vida normal pregressa, em seus aspectos deletérios, era acelerada, insalubre, estressada, individualista, consumista. Uma expectativa mais otimista para a humanidade pós-pandêmica reside na crença de que nossos laços societários se tornarão mais fortes e assim nosso compromisso com a coisa pública seja mais evidente, contribuindo assim para a construção de uma organização social mais pujante e colaborativa. São anseios legítimos pelos quais podemos aspirar, mas para tanto é fundamental que reflitamos sobre nossos erros políticos vigentes. O “novo normal” que virá não será fácil, exigirá disciplina, novos compromissos cívicos, maior responsabilidade sanitária e ambiental, uma gestão democrática mais substantiva, o direcionamento econômico em favor do bem comum, um novo contrato social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No enfrentamento aos males pandêmicos, cada pessoa deve tentar encontrar um sentido existencial para sua subsistência moral da forma que considerar mais conveniente para sua própria base axiológica. Inverter o horário do sono, meditar, ouvir música, despertar habilidades culinárias, assistir filmes, novelas ou séries, ler livros, em suma, não importa qual direcionamento cultural a ser seguido pela pessoa nessa luta cotidiana pela permanência em um mundo fragilizado e desorientado. Não há caminho pré-estabelecido a

ser seguido, cada pessoa necessita descobrir como organizar o fluxo de sua vida da maneira que mais potencializa seus afetos, seus instintos criativos e sua aderência ao existir, ainda que as condições empíricas se apresentem de maneira parcamente convidativa.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sergio. O Tempo dos Governantes Incidentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CRARY, Jonathan. 24/7 – Capitalismo Tardio e os fins do sono. Trad. de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: COSAC NAIFY, 2014.

DUNKER, Christian. Reinvenção da Intimidade: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu, 2017.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

HAN, Byung-Chul. No Enxame: perspectivas do digital. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. Topologia da Violência. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

VARELLA, Drauzio. Por um fio. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Para Wellington Lima Amorim, amigo de todas as estações